

LUA LAMBERTI

Trajетórias Transformistas | Discurso e imagens

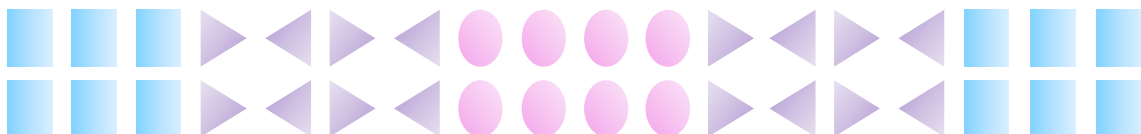
Trajетórias Transformistas

O seguinte trabalho é redigido a partir de um flerte entre a autoficção e a cartografia afetiva. É por meio do exercício de me desdobrar de mim mesma, sujeita travesti, artista, proletária, branca, magra, mestra, dentre outros marcadores sociais que transversalmente me atravessam e me privilegiam ou me tornam vulnerável, em minhas figuras artísticas e, portanto, fundamentalmente ficcionais, Galathea X, minha Drag Queen, e Andromeda X, meu Drag King.

Parto aqui do pressuposto que, como na linguagem do Clown, da palhaçaria, o transformismo é, também, um estado outro de si, um desdobramento de personas e como o Drag King curitibano Rubão diz, eventualmente a persona de emancipa.

Para que isso faça mais sentido, narrarei um pouco da minha experiência, e é aí que a autoficção e a cartografia afetiva se entrelaçam, trepam de maneira contrasexual, mesclando minhas vivências artísticas, ficcionais, com teorias acadêmicas e científicas, as quais, segundo o autor trans hispânico Paul Preciado, são, também, bastante ficcionais em si mesmas. Arrisco dizer que toda filosofia é uma ficção, toda teoria é filosófica e todas as verdades são teóricas, de modo que, no princípio, era a ficção e a verdade é tão una quanto todas as formas de se pensar que existem e já existiram no mundo. Mas isso pode ser só achismo meu.

A experiência com a figura do Clown me permitiu saltar pro universo transformista pelo viés da Drag Queen, a princípio. Muito antes de me entender enquanto travesti, eu já me interessava pelas tecnologias de feminilidade, eu só não sabia os nomes ainda. É clichê mas foi por meio da Drag Queen que eu fluí minha expressão de gênero. Esse primeiro deslocamento me fez entender que feminilidade não era exclusividade cênica, era algo que eu queria performar na vida. Galathea me ensinou que eu nunca fui um menino, que eu não era louca, que eu não estava sozinha e, principalmente, que a linguagem transformista é um universo que cria universos.

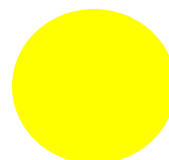




Fotografia: Carolina Steinke Xavier, 2017.



Fotografia: Carolina Steinke Xavier, 2018.



Da Drag Queen, migrei pras masculinidades debochadas dos Drag Kings anos depois, a princípio sem muitas pretensões. A oficina era do pai Rubão, o King dos Kings da cena paranaense, e dele (re)-nasceu Andromeda X. Renasceu mesmo, porque eu já havia experimentado Drag King antes mas, devo admitir, de maneira rasa. Andromeda é uma forma de fazer as pazes com um passado dúbio, ele existe num território nebuloso entre um garoto que eu nunca fui e um garoto que eu nunca tive.



Fotografia: Camila Mocki, 2019.

Foi por meio dele que eu percebi que antes de eu ser travesti, eu não era um menino. Não se vira travesti, muito menos se nasce, torna-se. Desculpa, Beauvoir, mas como Virginie Despentes nos ensina, até mulheres cis aprendem a se montar de mulher por meio das tecnologias de gênero. O que, de certa forma, implica em não existir um momento em que eu não fui do gênero feminino, mesmo sem saber usufruir dos aparatos sociais que a hegemonia cis-branca- heteronormativa escolhe como femininas ainda. Eu já descobria, de maneira Eu já descobria, de maneira lúdica e infantil, formas de piratear essa feminilidade que me interessava. O que a gente chama de gênero imposto, o atrelado à genital, não é nada senão uma violência ao desenvolvimento subjetivo das crianças.

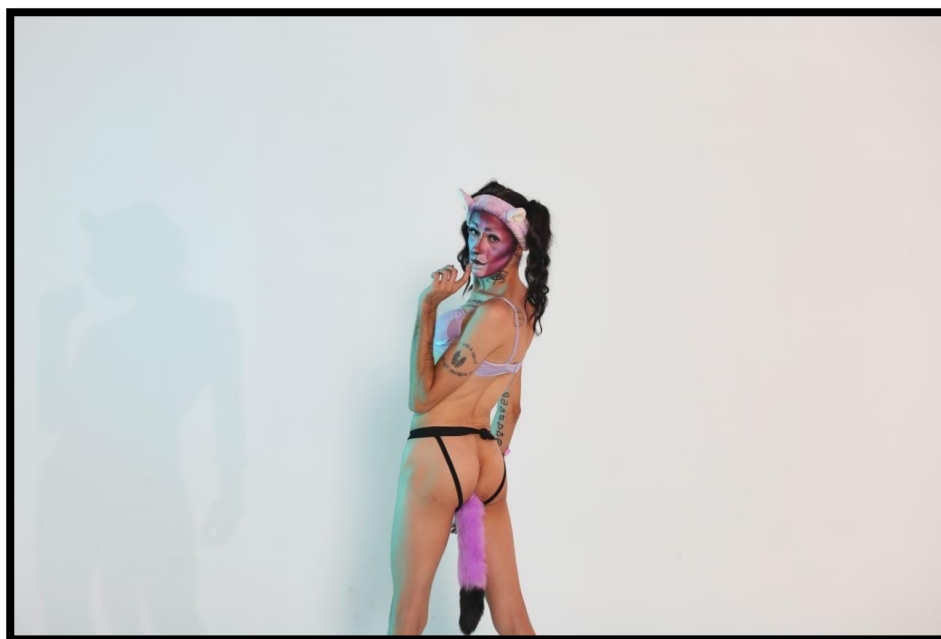


A travesti Dódi Leal, em seus escritos sobre iluminação cênica, fala do conceito de desobediência de gênero. O que quer dizer que, mesmo sem a sujeita reivindicar um lugar de transidentidade para si, a normatividade pode capturá-la no escopo da transfobia por simplesmente desobedecer as normas de gênero. Drags (Kings e Queens) são performances artísticas e que ilustram isso bem: quantas pessoas não sabem dizer se Pablio Vittar é homem ou mulher?! Ela nunca precisou dizer nada sobre sua identidade de gênero, desobedecer a norma foi o suficiente. O mesmo acontece com muitas tantas artistas transformistas. O transfóbico não vai te perguntar sua identidade de gênero antes de te violentar, inclusive para a maioria deles, isso nem importa, em nada difere da sexualidade e por aí vai.

Se a gente entende, então, Drag Queen e Drag King como expressões artísticas que usufruem das tecnologias de gênero para se criarem enquanto ficções, as Drag Queens, Tranimals, Drag Things e performers andróginos criam um repertório imaginativo que podemos pensar de pós gênero, pós humano, pós

-alguma coisa. Artistas como Salvja, Parma Ham, Cici Grace, Anna Varney, Yovska, Hollow Eve, Yvie Oddly e tantas outras referências do universo freak colocam toda a questão binária de homem-mulher em cheque por usufruírem de tecnologias que extrapolam gêneros, que negam a humanidade, que borram ou apagam as fronteiras da lógica biologicista. É distópico, um disparador de possibilidades de criarmos mundos outros a partir do que supera o possível, o que subverte o cotidiano.

Enquanto linguagem transformista, a figura da Drag tem em si a potência de criar um universo ficcional e ao se colocar em relação, exige uma readequação do espaço que ocupa, demanda uma nova forma de troca de afetos, desloca as naturalizações dos binários estáticos de gênero e, assim, permite a gente saltar do cotidiano pro extracotidiano, dos possíveis para os impossíveis.



Fotografia: Isa Angioletto, 2020.



Lua Lamberti de Abreu, 25 anos, licenciada em Artes Cênicas e Mestra em Educação, ambas pela Universidade Estadual de Maringá - UEM, trabalha atualmente com a linguagem transformista (Drag Queen/King), autoficção e heterotopias; Além dos eventos artísticos, é militante transfeminista, professora, com experiência em performance art, palhaçaria, acrobacias circenses e aéreas entre outros vieses teatrais. Foi a primeira pessoa trans da Universidade Estadual de Maringá à receber a titulação de Mestra, em 2019, mesmo ano em que foi madrinha da Parada LGBTI de sua cidade e também participou do evento internacional da plataforma TED, o TED x Parque do Ingá, com um talk sobre epistemicídio e estatuto de verdade. Matriarca da Haus of X, coletivo transformista, desde 2016.

